

TODAS AS ARTES

.....

REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 2, Mai.-Ago. 2024
ISSN 2184-38052

FESTAS DO POVO. SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DE FESTAS POPULARES EM BAIROS DE PERIFERIAS DO NORDESTE DO BRASIL

PEOPLE'S FESTIVITIES. THE HISTORICAL SIGNIFICANCE OF POPULAR FESTIVALS IN NEIGHBOURHOODS ON THE OUTSKIRTS OF NORTH-EASTERN BRAZIL

FÊTES POPULAIRES. LA SIGNIFICATION HISTORIQUE DES FÊTES POPULAIRES DANS LES QUARTIERS DE LA PÉRIPHÉRIE DU NORD-EST DU BRÉSIL

FIESTAS POPULARES. EL SIGNIFICADO HISTÓRICO DE LAS FIESTAS POPULARES EN LOS BARRIOS DE LA PERIFERIA DEL NORDESTE DE BRASIL

Marcelo de Sousa Neto

Universidade Estadual do Piauí, Universidade Federal do Piauí, Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, Brasil

RESUMO: A cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, Brasil, é um aglomerado urbano relativamente jovem, figurando, entre as capitais brasileiras, como uma daquelas que tem a história mais recente de sua formação. No esteio das transformações urbanas experienciadas pela capital, destacou-se a formação de grandes bairros, a exemplo do Itararé, na região sudeste da capital. O presente trabalho se detém especificamente sobre a formação do “Grande Dirceu”, como ficou conhecido o bairro Itararé e uma miríade de bairros e vilas que orbitam ao seu redor. As discussões do trabalho são desenvolvidas a partir de uma questão central: como as comemorações coletivas do “Grande Dirceu” podem ser historicamente apropriadas para a ver o processo de formação histórica da região sudeste da cidade? O trabalho parte do pressuposto de que a festa constitui uma linguagem simbólica através da qual se pode traduzir os valores existenciais de uma comunidade.

Palavras-chave: história, cidade, identidade cultural.

ABSTRACT: The city of Teresina, capital of the state of Piauí, Brazil, is a relatively young urban agglomeration and, among Brazilian capitals, one of the most recently formed. In the wake of the urban transformations experienced by the capital, the formation of large neighborhoods stood out, such as Itararé, in the southeast of the capital. This paper focuses specifically on the formation of the "Grande Dirceu", as the Itararé neighborhood came to be known, and the myriad of neighborhoods and towns that orbit around it. The work's discussions are developed from a central question: how can the collective commemorations of "Grande Dirceu" be historically appropriated to view the process of historical formation of the city's southeastern region? The work is based on the assumption that celebrations constitute a symbolic language through which the existential values of a community can be translated.

Keywords: history, city, cultural identity.

RÉSUMÉ: La ville de Teresina, capitale de l'État de Piauí, au Brésil, est une agglomération urbaine relativement jeune et, parmi les capitales brésiliennes, l'une des plus récentes. Dans le sillage des transformations urbaines qu'a connues la capitale, la formation de grands quartiers s'est distinguée, comme Itararé, dans le sud-est de la capitale. Cet article se concentre spécifiquement sur la formation du « Grande Dirceu », comme le quartier d'Itararé a été connu, et la myriade de quartiers et de villes qui gravitent autour de lui. Les discussions du travail sont développées à partir d'une question centrale : comment les commémorations collectives du « Grande Dirceu » peuvent-elles être historiquement appropriées pour voir le processus de formation historique de la région sud-est de la ville ? Le travail est basé sur l'hypothèse que les célébrations constituent un langage symbolique à travers lequel les valeurs existentielles d'une communauté peuvent être traduites.

Mots-clés: histoire, ville, identité culturelle.

RESUMEN: La ciudad de Teresina, capital del estado de Piauí, Brasil, es una aglomeración urbana relativamente joven y, entre las capitales brasileñas, una de las de más reciente formación. A raíz de las transformaciones urbanas experimentadas por la capital, destacó la formación de grandes barrios, como Itararé, en el sudeste de la capital. Este trabajo se centra específicamente en la formación del «Grande Dirceu», como pasó a ser conocido el barrio de Itararé, y la miríada de barrios y pueblos que orbitan a su alrededor. Las discusiones del trabajo se desarrollan a partir de una pregunta central: ¿cómo apropiarse históricamente de las conmemoraciones colectivas del «Grande Dirceu» para ver el proceso de formación histórica de la región sudeste de la ciudad? El trabajo parte del supuesto de que las conmemoraciones constituyen un lenguaje simbólico a través del cual se pueden traducir los valores existenciales de una comunidad.

Palabras-clave: historia, ciudad, identidad cultural.

1. Introdução

Imbuídos do desejo de reflexão acerca dos espaços e subjetividades das cidades, procuramos, nesse trabalho, discutir o cotidiano e as formas de festejar de moradores do bairro Itararé^{1.)}, em meio à precariedade das construções que lhes foram entregues, numa região populacional da cidade de Teresina (Estado do Piauí – Brasil), tendo como delimitação temporal o início de sua organização urbana, entre os anos de 1977, ano da chegada dos primeiros moradores ao conjunto, e 1985, recorte em que ocorreu a implantação das suas duas fases, estabelecendo os contornos definitivos de sua espacialidade e formas de festejar.

As festas como objeto histórico são entendidas no presente estudo como um sistema de comunicação e de resistência de grupos sociais que foram marginalizados do acesso aos direitos básicos de lazer e de festividades da cidade, produzindo sua identidade cultural e fronteiras, o seu “pedaço”, para recorrermos à categoria produzida por Magnani (2003), ressignificada de forma positiva pelos moradores do bairro e, posteriormente, pelo restante da cidade.

O interesse sobre as formas de festejar dos moradores dessa região parte do entendimento de que o fenômeno das festas foram, por muito tempo, ignorados pelos historiadores em seus estudos, reduzidas, em grande medida, às comemorações cívicas ou às datas consideradas significativas para a história da nação, temática afeita, inicialmente, ao trabalho dos folcloristas e etnógrafos, preocupados em nelas enxergar expressões dos costumes e do espírito nacional, ameaçados de desaparecimento pela chegada do progresso e da modernização, ao minimizar momentos relevantes da vida coletiva (Júnior, 2011).

Entendemos, também, a festa como um fenômeno complexo que se relaciona às formas de como os sujeitos experienciam e se apropriam dos espaços da cidade. Como adverte Lefebvre (2001), a cidade é um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, quanto pelas obras e pelas festas. A cidade que abriga o trabalho e as obras não seria, assim, oposta à cidade que festeja. Segundo Lefebvre (2001), este é um traço marcante das sociedades rurais que a cidade não reteve e que é preciso retomar.

Para o autor “o ser humano tem a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo desperdiçá-las no jogo” (Lefebvre, 2001: 105), e que a principal forma de se fazer uso da cidade, é por meio da festa, manifestação da realidade social que possibilita a vivência do espaço urbano e confere sentido para a vida humana. Festejar representa, assim, atividade criadora que “supera mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos” (Lefebvre, 2001: 105).

^{1.)} O bairro Itararé tem seu nome herdado de conjunto habitacional de mesmo nome, construído pela Companhia Habitacional do Estado do Piauí – COHAB-PI. Atualmente abrange outros conjuntos, loteamentos, vilas e favelas localizadas na região Sudeste de Teresina. Em 1979, o nome do conjunto Itararé foi substituído por Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, em homenagem ao ex-governador responsável pela criação do habitacional, recém falecido após assumir cadeira no Senado Federal. Logo em seguida, sua ampliação foi também inaugurada, recebendo o nome de Dirceu Arcoverde II. Para nomear os conjuntos habitacionais, bairros, vilas e favelas que surgiram ao entorno do conjunto habitacional original a população da cidade adotou a expressão “Grande Dirceu” para referir-se a região da cidade.

A festa, como fenômeno, manifesta a “efervescência social” da participação do indivíduo no coletivo. Nesse sentido, olhar a cidade a partir da sociabilidade e, de forma especial, por meio de suas maneiras de festejar, significa estar atento às experiências sociais e às representações identitárias locais, muitas vezes tomadas como maneiras de afirmação de singularidades que impactam na redefinição dos espaços urbanos (Bezerra, 2012). Entendemos, dessa forma, que o momento da festa representa oportunidade em que os indivíduos se apropriam dos espaços da cidade e, reunidos, compartilham uma história e uma identidade territorial comum.

Por esses aspetos, a escolha das formas de festejar dos habitantes de um bairro como objeto de estudo motiva-se pelo reconhecimento de que os bairros, como espaços social e historicamente repletos de valores, significados, preconceitos e exclusões, representam importantes “janelas” para o entendimento da história das cidades, por serem frações significantes destas, e de onde se pode observar mais detidamente a relação tempo/espaço de seus usuários com o espaço citadino (Mayol, 2005: 42). Nesse sentido, com a pesquisa sobre o bairro Itararé, procuramos o reencontro da cidade com seus genuínos construtores – os seus primeiros moradores – ajudando a ressignificá-la por meio da pesquisa histórica, desenvolvida a partir de diferentes corpus documentais (Le Goff, 2003), com o propósito de se elaborar uma narrativa histórica sobre a região, seus moradores e, com isso, sobre a cidade de Teresina.

2. Itararé: a construção de um bairro-cidade

É importante destacar, para uma melhor compreensão do objeto de pesquisa aqui apresentado, a configuração histórica na qual esse bairro se formou. Construído e inaugurado na década de 1970, o Conjunto Itararé, residencial que nomeou o bairro, surgiu em um período em que os investimentos em obras públicas de grande porte eram entendidos erroneamente como símbolo inequívoco de progresso e de modernidade, tanto no cenário nacional quanto local, cujos investimentos eram tratados como sinônimos do desenvolvimento urbano prometido pelos governos autoritários que administravam o país (Fontineles & Neto, 2020). Aliás, esta concepção manifesta-se em diferentes momentos da história brasileira. Dessa forma, investir em conjuntos habitacionais era entendido como mecanismo de contenção das tensões sociais e visto como a intervenção do poder público no tecido da *urbis* moderna (Fontineles, 2015).

Com pouco mais de quatro décadas de história, o bairro Itararé, localizado na região sudeste de Teresina, tornou-se centro da vida socioeconômica de um verdadeiro conglomerado de outros bairros, vilas e favelas que orbitam ao seu entorno, a Região do “Grande Dirceu”, como ficou conhecida por autoridades públicas e por seus moradores. Essa é a maior concentração populacional da capital, tendo uma população superior a 200 mil habitantes²⁾.

²⁾ Cf.: Brasil. IBGE (2022), a população de Teresina, segundo o Censo Demográfico de 2022, era de 866.300 habitantes. Cf.: Teresina, SEPLAN (2018a) População Estimada de Teresina para o ano de 2017 era de 850.198 habitantes. Apesar de em 1993, pela nova distribuição das regiões de Teresina, a Zona Leste ter sido dividida em Zona Leste e Zona Sudeste (Teresina, 1993), a região em que permaneceu o Conjunto Dirceu Arcoverde, a Zona Sudeste, manteve-se como a região mais populosa e com o bairro mais populoso da cidade. Cf. Teresina. SEPLAN (2018b), o bairro Itararé é constituído pelos conjuntos Dirceu Arcoverde I, Dirceu Arcoverde II, Parque Itararé, Parque Boa Esperança e as vilas Parque Flamboyant e Universal, possuindo a maior população entre os bairros da capital, com 4,88% da população da cidade, ou 37.443 habitantes, segundo levantamento consolidado de 2010.

Comparado seu número de habitantes com os demais municípios do Piauí, o “Grande Dirceu”, assumiria a segunda posição em habitantes, atrás apenas da própria capital. Essa condição é resultado do bairro, a partir da construção do conjunto habitacional Itararé, desde seu início, ter atraído um grande número de moradores, oriundos de diversas partes da cidade e do estado, fazendo surgir uma “nova cidade” nas franjas de Teresina (Fontineles & Neto, 2017).

Iniciada sua construção em 1976 e financiado pelo extinto Banco Nacional da Habitação – BNH, o conjunto Itararé insere-se na política habitacional dos governos militares e seu discurso de resolução do déficit habitacional na capital (Fontineles & Neto, 2020). Daí a delimitação temporal definida para a pesquisa estar entre o ano de 1977, ano da chegada dos primeiros moradores ao conjunto, e 1985, recorte em que ocorreu a implantação das suas duas fases, estabelecendo os contornos definitivos de sua espacialidade e formas de festejar. O Conjunto Itararé teve suas obras iniciadas ainda no ano de 1976. Em reportagem realizada no mês de julho daquele ano, o jornal *O Dia* dava conta de como estavam as etapas da obra:

Até o final deste mês [junho de 1976] será feito julgamento da concorrência visando a construção das 840 casas do Conjunto Itararé, no bairro São Cristóvão, como a primeira etapa de um total de 3 mil e 40 unidades habitacionais. A construção do Conjunto prevê três etapas, conforme as informações do diretor. Ainda no bairro Itararé será construída [sic] as casas embrião com apenas três cômodos que podem ser ampliados de acordo com as possibilidades e o poder aquisitivo dos compradores (Itararé... *O Dia*, 02 jun. 1976: 03).

A matéria reconhece a existência de “casas-embrião”, que, segundo o jornal, teriam três cômodos e poderiam ser aumentadas pelos moradores. Segundo as entrevistas com os moradores, eles informam que estas eram os modelos maiores – denominadas de tipo “A” – e pelas quais se pagava a maior prestação, e não as menores, como fazia supor o texto jornalístico. Sob a perspectiva do jornal, supunha-se que os outros modelos seriam mais amplos e melhor estruturados, o que diverge do que indicam os moradores e os documentos encontrados na Companhia de Habitação do Piauí.

De facto, as casas construídas eram muito pequenas para atender as necessidades das famílias deslocadas para o Itararé, com reduzidas áreas de construção. Além disso, comparada a outro conjunto popular, o Parque Piauí, situado na zona sul da cidade, como destaca um periódico da época, “não são tão confortáveis como aquelas da ampliação do Parque Piauí. São bem mais modestas, mas caracterizam-se principalmente por um preço mais baixo” (Itararé... *O Dia*, 20 ago. 1977: 06). A fragilidade dessas moradias foi denunciada por seus moradores, embora sob a forma irônica e bem-humorada, como narrado pela moradora Maria da Conceição:

Quando veio morar, o pessoal deu até assim um apelidinho: um ovo. Era uma casa pequena, muito pequena, só tinha... uma sala, um banheiro, uma cozinha e uma área aberta. A gente fechava e fazia um quarto ou uma sala, porque eram dois tipos de casas: um tipo “A” e um tipo “B”. A nossa era tipo “A” (Conceição, 2010: s/p).

A declaração da moradora permite perceber que a proposta de construção das casas não atendia às necessidades de seus moradores, evidenciando ainda que a permanência no residencial dava-se por fatores alheios ao seu desejo (Fontineles & Neto, 2020). O tamanho das casas – comparadas a ovos, “casa pequena, muito pequena” – era uma constante nos relatos dos primeiros moradores.

Sob a responsabilidade da Construtora Poty LTDA, em sua primeira etapa, o bairro foi entregue aos seus primeiros moradores sem os equipamentos infraestruturais básicos e sem a preocupação com a construção de espaços voltados para o lazer, educação, saúde e convivência de seus moradores (Ribeiro, 2006).

Dessa forma, podemos perceber que a ação governamental na cartografia do bairro não atendeu as demandas sociais mais elementares da população, nem tampouco suprimiu as deficiências infraestruturais pós-inauguração, entre estas as formas de acesso ao lazer pela comunidade. A comunidade, por sua vez, elaborou novas formas de sociabilidade que vão compor o quadro urbano do período em análise (Pesavento, 2007), dentre as quais destacam-se as formas de festejar daqueles moradores e de como isso lhes ajudava a significar e ordenar os espaços em construção.

Observa-se, então, que o residencial que deu origem ao bairro foi construído de forma apressada. Quando os primeiros moradores começaram a se instalar na região, a partir de maio de 1977, em meio às mais precárias condições de saneamento e serviços públicos e sem nenhuma infraestrutura urbana voltada ao lazer daquela população, fazendo nascer em seu seio uma forte identidade reivindicatória, de luta por melhorias infraestruturais e de lazer necessárias a uma melhor qualidade de vida de seus moradores (Fontineles & Neto, 2017).

Como esforço inicial de pesquisa, nos deteremos em discutir no presente trabalho as festas em clubes dançantes e, de forma especial, as festas do “Clube do Chico Alves”, tradicional espaço de lazer e reuniões políticas frequentado por moradores de toda a cidade e mesmo de cidades próximas. Assim, entendemos que esses espaços de lazer, o “pedaço” construído (Magnani, 2003), funcionaram como um instrumento de tentativa de modelagem de uma identidade entre os moradores do Itararé ou “Grande Dirceu”, e nos permite discutir o processo de ocupação das periferias de Teresina, as formas de habitar a cidade e de festejar de seus moradores, e com isso, entender as relações de força e de poder que essas festividades implicaram para o período histórico investigado.

3. A comunidade e suas festas

O processo de ocupação de espaços urbanos é atravessado pelo desejo de dar significado aos espaços ocupados, atribuindo sentido e intimidade, de forma a fazer com que esses lugares passem a compor um mesmo vocabulário conhecido pela comunidade. Nesse processo de construção de significados, as formas e lugares de celebração ocupam lugar de destaque, a exemplo do que ocorreu no bairro Itararé e suas festas religiosas e profanas.

Aos moradores do Itararé, o estado negou seu acesso ao lazer ao lhes entregar um bairro em meio às mais precárias condições de moradia e sem aparelhos urbanísticos voltados à qualidade de vida e bem-estar. Coube a seus moradores serem promotores do seu próprio fazer (Certeau, 2004) histórico, no sentido de que reinventaram seu cotidiano, criando, por suas táticas, suas formas de lazer e de celebrar. Dessa maneira, em meio às dificuldades estruturais do novo bairro, os moradores do Itararé encontraram nas festas uma forma de

lazer e de desfrutar um pouco de alegria em meio a dureza da vida diária. Assim, as festas em clubes dançantes ganharam espaço e gosto popular no bairro, locais de trocas de informações, construção de amizades e namoros.

Como relembram alguns dos moradores mais antigos do bairro, existiram as festas realizadas em algumas casas de forma sazonal e sem muita organização para receber os frequentadores. Eram muitas vezes apenas um pequeno encontro na frente das casas em que os organizadores procuravam algum lucro com a venda de bebidas, comidas e bingos. Como início da pesquisa, queremos aqui apresentar alguns desses espaços de festa no bairro, e de forma especial determos o olhar sobre um importante clube de festas da região, o Clube Recreativo Francisco Alves, mais conhecido pelos moradores do bairro como “Clube do Chico Alves”.

Entre as primeiras festas organizadas no bairro, os moradores relembram do “Forró do Talo”, que funcionou durante um breve período, uma espécie de bar e clube dançante, pertencente a Antônio Miguel Ribeiro, morador da região conhecido como Cabo Miguel³⁾. No esteio da iniciativa de Cabo Miguel, outros ambientes fechados para festas surgiram no bairro, onde pequenos proprietários contratavam cantores, pequenas bandas locais e som mecânico para atrair os moradores para suas festas. Entre os pioneiros, estava o “*Dancing Clube*” – um clube de festas populares no bairro. No entanto, a mídia local da cidade criticava a estrutura do clube e mesmo denunciava perigos em sua estrutura, como observado em matéria de jornal à época:

O “Dancing” Clube do conjunto Itararé está mais parecendo um campo de concentração dos tempos da II Guerra Mundial. O seu proprietário Manoel Monteiro, cercou todo o clube com fios de alta tensão, para impedir a entrada de vândalos [...] Mais de 15 metros de fios de alta tensão disposto em frente ao “Dancing” está trazendo perigo, uma pessoa já foi vítima dessa armadilha. O Sr. Manoel Pereira, residente da quadra 6, casa 5, foi a primeira vítima dos fios de alta tensão. Ele passava nas proximidades, em uma bicicleta, quando tocou e por pouco não morreu eletrocutado (Clube... O Estado, 09 fev. 1979: 07).

A reportagem denuncia as estruturas do clube popular e ainda termina por denotar um olhar negativo sobre as formas de festejar dos moradores, que se submetiam mesmo ao risco de vida para frequentar o espaço de festa. No entanto, é necessário lembrarmos que eram moradores de baixa renda, como também a própria estrutura do clube denotava a falta de segurança no ambiente. Os riscos de vandalização, explicitado no improvisado e vulnerabilidade da segurança do clube, pode denotar a ausência de ambientes de lazer e celebração na região e o desejo de acessar – mesmo que de forma irregular – os poucos locais de festas existentes no bairro.

Além deste, outros espaços de festas existiram no bairro e de melhor estrutura, como podemos encontrar no “Clube Recreativo Francisco Alves”, ou como ficou conhecido entre os moradores da cidade “Clube do Chico Alves”. Como lembra morador,

³⁾ Militar, e ex-morador, responsável pelo posto policial implantado durante os primeiros anos de habitação do Conjunto. Ainda na década de 1980 deixa o bairro e transfere-se para a cidade de Beneditino-PI, local que reside até o presente.

O clube era famoso, né..., o clube era a diversão mais popular que existia, ele tava...era como se dizia: O Chico Alves estava na fronteira entre a Halley e a Voyage. A Voyage era tida assim, um ambiente de lazer dos meninos, típicos de família, do de menor... A Halley já era um ambiente muito mais pesado né (...) muito mais complexo, muito mais marginalizado e o Chico Alves tava na fronteira. Pra uns era um ambiente marginal porque lá iam umas pessoas mais velhas, adultas, e o clube do Chico Alves era cercado de bordéis, né, tinha alguns bordéis próximo. Por outro, era um ambiente muito bom porque o Chico Alves tinha a melhor estrutura de som. Então, todos diziam que o clube do Chico Alves era um clube seguro, que ele tinha uma segurança, é, privada muito boa. Um clube que oferecia um maior espaço, que tudo que tinha de novo, de tecnologia, de jogo de luz...De som, o que existia de melhor, tinha no Chico Alves. Então, existia esse detalhe... As outras eram fichinha, a Harley e a Voyage eram pequenas e não oferecia comodidade, só que o Chico Alves era marginalizado...Tinha um ambiente em torno do clube, que era um ambiente meio promíscuo, mas o clube em si tinha uma estrutura muito boa (Costa Sobrinho, 2011: s/p).

Da fala do entrevistado, se depreende uma hierarquização entre os espaços de festas no bairro e mesmo a existência de outros espaços, a exemplo das danceterias Halley^{4.)}, e Voyage^{5.)}, destinadas ao público jovem da região. Como podemos observar, a danceteria Voyage é relembrada como um clube honrado, frequentado por jovens “de família” do bairro. Em seu juízo de valor moral, o entrevistado ressalta que a danceteria era frequentada por toda a família e, por outro lado, aponta ser a Halley danceteria um ambiente perigoso e associado a marginalidade.

Mas na fala do entrevistado, o “Clube do Chico Alves” foi o que ganhou maior destaque. Lembra que o clube possuía uma boa estrutura, e contava até com segurança privada, e acolhia todos os perfis de moradores do bairro e de outras partes da cidade. No entanto, o clube era visto com ressalvas pelos moradores mais conservadores, uma vez que estava situado numa região mais recuada do bairro, além de ser vizinho de muitos bordéis, o que contribuiu para o olhar de preconceito contra os frequentadores do clube e dos moradores próximos. Por consequência, moradores próximos e mesmo frequentadores do Clube passaram a ser estigmatizados, principalmente as jovens da região – olhadas com suspeitas acerca de sua conduta moral, apenas por frequentarem um clube dançante, mas localizado nas proximidades de uma região de meretrício.

Acerca da criação do clube, seu proprietário afirma que não tinha experiência em organizar festas antes de montar o clube do “Chico” Alves, clube dançante que fez muito sucesso entre os moradores do bairro e da cidade entre as décadas de 1980 e início da década de 1990. A respeito da montagem da primeira sede do Clube, ainda dentro do conjunto Itararé, destaca:

4) Localizada na Rua Deputado Milton Brandão, 3229. Inaugurada no início da década de 1980, atualmente funciona como churrascaria.

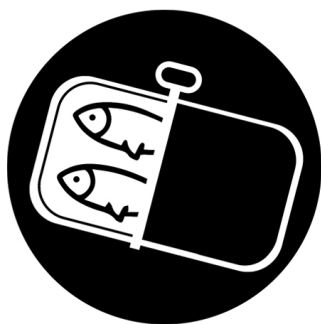
5) Localizada na Rua João Carneiro de Almeida, 3451. Inaugurada na segunda metade da década de 1980, e atualmente no espaço funciona uma escola

Eu não tinha nenhuma experiência de festa, nunca fui a uma festa na minha vida, nunca dancei na minha vida (risos), mas um dia me disseram que tinha uma grande festa do lado de lá, aí eu fui lá e vi uma multidão de gente, rapaz vou fazer festa, simplesmente assim, vou fazer festa, primeiro alugando equipamento e contratando bandas. A inauguração daquele clube onde era a padaria (quadra 85, casa 10), nós fizemos com o Pinduca, foi uma multidão tão grande, que o pessoal que tava fora dava pra encher dez vezes (Alves, 2018: s/p).

Com o êxito das festas promovidas no “Clube do Chico Alves”, o empreendimento foi ampliado, e o espaço de festas foi transferido para um local mais amplo, no loteamento Parque Flamboyant, no mesmo bairro, funcionando entre os anos de 1982 e 1992. Sobre o impacto e o sucesso do clube no cotidiano da cidade, seu proprietário comenta sobre sua repercussão para além das fronteiras do bairro:

O Clube Recreativo Francisco Alves ultrapassou fronteiras, vinha gente de todo lugar, vinha gente de outros Estados só pra conhecer o clube, fretavam ônibus lá em Corrente do Piauí só pra vir a festa. Porque a multidão era grande... Nós trouxemos muitos cantores e artistas de nome pra cá, que faziam sucesso na época... Nós colocávamos ali, no clube recreativo, onde hoje é quartel, cerca de oito mil pessoas, não podia dançar ali, ficava só se mexendo assim (fazendo o gesto), o pessoal gostava era dessa multidão mesmo (Alves, 2018: s/p).

Oito mil pessoas, em um clube de festas da periferia de Teresina, denota o sucesso do empreendimento, considerando ainda o período e região em que funcionou o “Clube Recreativo Francisco Alves”. Já no início dos anos 1990, outros espaços de festividades e lazer no bairro espalhavam-se, e ofereciam concorrência ao antigo clube de festas. Seu proprietário justifica o encerramento das atividades, no ano 1992, em sua conversão ao protestantismo e relembra, “eu tive um encontro com o Senhor Jesus” (Alves, 2018), e após “o carnaval de 92, na Quarta-Feira de Cinzas, eu do meu escritório, e o pessoal que tinha trabalhado os seis bailes do carnaval, todo ali para receber o pagamento, e vem uma voz no meu ouvido direito, e diz: ‘não faça mais festa’” (Alves, 2018). Sem fazer menção a existência de novos concorrentes e novas formas de lazer na região, sobre o episódio de fechamento do Clube, “Chico” Alves ainda relembra:



Era a coisa que eu mais gostava de fazer da minha vida era festa. Primeiro porque dava muito dinheiro, juntava dentro de um saco para contar no dia seguinte, porque não dava pra contar no mesmo dia. Era só jogando dentro do saco, dinheiro muito, muito dinheiro, [...]. Eu tinha quatro bares dentro do conjunto. Eu vivia da renda dos bares. Pagava todo o pessoal com a renda dos bares, e ainda vivia com a bilheteria só pra investir. Eu adorava fazer festa, eu me sentia bem. Eu tinha entusiasmo e aquela voz estava dizendo: 'Não faça mais festa'. Eu olhei para o pessoal: "Olha eu vou pagar vocês e não tem mais festa não". Ninguém acreditou, mas eu não fiz mais festa, eu nunca gostei de dever desde menino, eu não gosto de comprar fiado, eu não gosto de dever, eu não precisava vender nada, eu tinha chácara com piscina, eu tinha tudo, um clube super equipado, como não há nenhum aqui em Teresina igual, até energia própria nós tínhamos, um grupo gerador trifásico diesel enorme, enorme, enorme! Equipamento que ninguém tinha. Para eu vender o equipamento e estúdio, eu tive que dividir em pedaços para quem quisesse comprar, eu tive que vender em 5 pedaços (Alves, 2018: s/p)⁶⁾.

Em suas memórias, Francisco Alves enfatiza sua conversão religiosa e destaca que "sou da Assembleia de Deus, eu sou evangelista" (Alves, 2018). Assim, segundo Francisco Alves, por suas convicções religiosas, ele encerrou as atividades do clube de festas, encerrando também página importante da história do bairro e importante espaço de celebrações de seus moradores. No entanto, importância do e de suas estruturas é cordada pelos moradores da época, o denota a relevância do espaço para a vida social dos moradores da região.

As estruturas do clube foram compradas pelo Governo do Estado, durante a administração do governador Antônio de Almendra Freitas Neto (1991-1994), onde foi implantado um batalhão de polícia militar, local onde atualmente é a sede do 8º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Piauí, responsável pelo policiamento ostensivo da região.

Como destacado por Barros "suas instalações ainda guardam as lembranças de quem participou destas festas. Essa memória dos frequentadores parece conectada, por meio da lembrança de quem percebeu que a dificuldade de viver no Conjunto, não tirava o prazer de aproveitar estes espaços públicos, ou privados, dentro da comunidade". (Barros, 2020: 54). Nesse sentido, percebemos que nos processos que permitiram a formação do Itararé, assim como as formas de relacionamento de seus moradores com o bairro e com a cidade, estavam articuladas com suas maneiras de experienciar e sentir o novo espaço urbano, incluindo seus espaços de celebração e decompressão dos desafios da vida cotidiana.

⁶⁾ Neste momento, fazia gesto com a mão esquerda, como se estivesse fatiando algo.

4. Considerações finais

Criado com o propósito de “desfavelamento” da zona leste da capital piauiense, e em meio às políticas habitacionais promovidas pelos governos militares a fim de conter as tensões sociais, o Itararé foi entregue aos seus moradores apresentando problemas infraestruturais sérios, o que fez com que parte de seus habitantes desistissem de suas casas (Neto, 2016). Muitos outros, entretanto, permaneceram e passaram a interferir de forma efetiva na transformação dos espaços do conjunto, escrevendo novos capítulos da história do residencial e da cidade. Por meio das fontes consultadas, pudemos perceber o descompasso entre o que constava nas promessas dos discursos oficiais sobre as moradias e a implantação de serviços públicos na região, o noticiado na imprensa local e como o bairro foi percebido pelos seus primeiros moradores, recortando no presente estudo seus espaços de festas.

Verifica-se, então, que os contornos tomados pelo bairro Itararé são resultado do trabalho de seus moradores, incluindo também suas formas de festejar. Os moradores foram alocados em uma área sem infraestrutura básica, onde inicialmente não havia espaços para o lazer ou celebrações, necessidades tão essenciais para a qualidade de vida das pessoas. Entretanto, seus habitantes conseguiram transformar pequenas áreas em negócios que ofereciam entretenimento para a comunidade, como clubes dançantes, bares ou, para muitos, apenas sentar-se à frente de casa, em cadeiras de espaguete para uma boa conversa entre amigos.

Não apenas os espaços de celebração apontados neste trabalho existiram no Itararé. As memórias de seus moradores apontam para muitas outras, a exemplo das festas promovidas nas casas de moradores e nas escolas do bairro, as festas do padroeiro da igreja católica do bairro e as organizadas pela juventude franciscana, as festividades públicas, realizadas em maioria no Centro Social Urbano, e a ativa vida boêmia dos bordeis existentes no bairro. Dessa forma, o presente trabalho acentua a importância desse tema para entender as formas de festejar em espaços periféricos da cidade e sua relevância para o entendimento da história.

Outras festas e histórias se seguiram ao longo das décadas de 1980 e 1990, nas quais os moradores do Itararé foram personagens de destaque e protagonistas centrais. Essas festividades ocorriam paralelamente a outras práticas sociais e conviviam com muitas tensões e disputas político-sociais, entre as quais destacava-se a busca por moradia digna. Muitas dessas lutas estendem-se aos dias de hoje. Essas festas e lutas fizeram do Itararé escrever páginas importantes da história recente de Teresina e sua gente. Daí, sua relevância e pertinência para os estudos históricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. (2011). Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Revista Patrimônio e Memória*, 7 (1), 134-150
- Alves, Francisco (2018). *Entrevista concedida a Cláudia Cristina da Silva Fontineles, Marcelo de Sousa Neto e Elisnauro Araújo Barros, na residência do entrevistado*. Teresina, 3 agosto.
- Barros, Elisnauro Araújo (2020). *Sonhos, suor e determinação: o conjunto Dirceu Arcoverde e a política de moradia popular em Teresina (1976-1982)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí/Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.

[70]

FESTAS DO POVO. SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DE FESTAS POPULARES EM BAIROS DE PERIFERIAS DO NORDESTE DO BRASIL • Marcelo de Sousa Neto

- Bezerra, Antonio Carlos Araújo. (2012). Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, (23), 7-18.
- Certeau, Michel de; Giard, Luce; & Mayol, Pierre. (2004). *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Vozes.
- Clube do Itararé é cercado por fios elétricos e faz vítimas*. (1979, 09 de fevereiro). O Estado, Teresina, 07.
- Conceição, Maria. (2010). Entrevista concedida a Verônica Viana de Sousa e Douglas de Farias Sousa. Teresina, 2010. In: Sousa Neto, Marcelo; Sousa, Verônica Viana de; & Sousa, Douglas de Farias. (2010). *Às margens da cidade: história e memória dos moradores do conjunto habitacional Dirceu Arcoverde* (Teresina 1976-1980). Universidade Estadual do Piauí. Retirado de: <https://goo.gl/noUu15>.
- Costa Sobrinho, William Francisco Ribeiro (2011). *Entrevista concedida a Isaína da Conceição Pinto*. Teresina.
- Fontineles, Cláudia Cristina da Silva; & Sousa Neto, Marcelo. (2017). *Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde*. EDUFPI.
- Fontineles, Cláudia Cristina da Silva. (2015). *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. EDUFPI.
- Itararé começa a receber seus ocupantes*. (1976, 02 de junho). O Dia, 03.
- Itararé: uma cidade está se erguendo em Teresina*. (1977, 20 de agosto). O Dia, 06.
- Le Goff, Jacques. (2003). *História e memória* (5ª ed.). UNICAMP.
- Lefebvre, Henri. (2001). *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. Centauro.
- Magnani, José Guilherme Cantor. (2003). *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (3ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Mayol, Pierre. (2005). Morar. In: Certeau, Michel de; Giard, Luce; & Mayol, Pierre (Eds). *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar* (pp-27-83). Vozes.
- Pesavento, Sandra Jatahy. (2007). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27(53). <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>.
- Ribeiro, Nilson Martins. (2006). *Itararé: uma luta pela sobrevivência* (1977-1981). Universidade Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura [Monografia].
- Sousa Neto, Marcelo. (2016). Moradia popular e eleições: o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996). *Revista Tempo e Argumento*, 8(19), 209–235.

Marcelo de Sousa Neto.

Professor associado do curso de História da Universidade Estadual do Piauí. É professor permanente da Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Pós-doutorado em História pela Universidade Federal do Piauí. Doutor em História pela Universidade Federal do Pernambuco e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Licenciado em História e Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí. Diretor da Editora da Universidade Estadual do Piauí. Campus Clóvis Moura. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga. CEP: 64.049-550 – Teresina, Brasil. Email: marcelo@ccm.uespi.br. ORCID: 0000-0001-9148-2962.

Receção: 10-08-2023

Aprovação: 20-01-2024

Citação:

Neto, Marcelo Sousa (2024). Festas do povo. Significação histórica de festas populares em bairros de periferias do Nordeste do Brasil. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(2), 60-72 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav7n2a4>





